

ESPAÇO, UM CONCEITO HISTÓRICO: DESDOBRAMENTOS DA EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO, DA ESCOLA ALEMÃ À DÉCADA DE 1950

Cláudio Eduardo Castro
Professor de Geografia da UFMA
gregoriotomatos@uol.com.br

Ana Rosa Marques
Mestre em Educação para a Ciência pela UNESP-Bauru
anclaros@yahoo.com.br

Resumo: A geografia, como todas as ciências, teve que desenvolver seu paradigma para poder fundamentar os objetos de análise e os conceitos fundamentais para seu universo científico. Desde que surgiu como ciência, em meio às disputas entre alemães e franceses no século XIX, até a década de 50 do século XX, o conceito de espaço transformou-se no elo entre as várias ‘escolas’ que usam a geografia como ciência. O conceito de espaço veio, quase sempre, justificar ou confirmar as mudanças que a sociedade realizou em suas estruturas e relações intrínsecas e extrínsecas. Na Alemanha, o espaço era vital na efetivação da sociedade, pois era orgânico no Estado; na França, com uma divisão entre humano e físico, o espaço apresenta-se segmentado como em departamentos do saber e na crítica hartshoniana ele torna-se absoluto, permeando as ciências e delas sendo permeado.

Palavras-chave: História da Geografia; Espaço; Escolas da Geografia

Abstract:

The geography, how all science, have to develop your paradigms to your analyses object and fundamentals concepts to scientific universe. Since a born o as science, since XIX century until 50 years of XX century, the space concept transformer in link between the various ‘schools’ something a geography as science. A concept of space, almost always, confirm the changes what society make in yours structures and internal-external relations. In Germany, the space was vitally to effective the society so was organic of State; in France as a division in human and physic, the space to introduce itself in knowledge compartment and the Hartishorne’s criticism the space is absolute, to pass through other sciences.

Keywords: Geography’s History; Space; Geography’s Schools

1. RELAÇÕES ENTRE CONCEITOS E OBJETIVOS CIENTÍFICOS, FUNDAMENTOS DO PARADIGMA CIENTÍFICO

O objeto de uma ciência deve estar muito bem definido para que ela não se perca em abstrações infundadas e vãs, o que pode levar à inutilidade e extinção. A geografia, que, como bem lembrou Corrêa (1995, p.16), instituiu-se como disciplina já na década de 1870, debateu-se na construção de seu objeto e definiu-o epistemologicamente no correr dos tempos. O resultado, obviamente, é que ela acercasse da ação humana e da paisagem terrestre, desta forma, surgiram conceitos aos quais a geografia dedica-se, sendo o *espaço* o que permeia todos eles.

Para Leff (2001, p.25), a ciência estabelece prioritariamente um paradigma teórico para conhecer as relações fundamentais *entre os processos que constituem seus diferentes objetos de conhecimento*, ao invés de apreender diretamente as coisas empíricas. Para ele, o conceito, neste caso o que suporta a ciência geográfica, *não é um significante como os outros*, pois sua articulação com os demais conceitos tem resultado diferente da articulação inconsciente ou ideológica, não por ser alheia à ideologia, mas pela relação específica entre o conceito e o real por meio dos objetos de conhecimento da ciência.

Assim, para entender e orientar em qualquer das ciências, devemos focar e entender seus conceitos e objetos de conhecimento. O objeto empírico, não é objeto da ciência, ou seja, as *coisas*, como os objetos e os mais diversos corpos que povoam nosso dia-a-dia, são *objetos de percepção* despojados de suas “essências”. As ciências se acercam das relações estruturais do real dos processos, o objeto da ciência *é trans-individual, trans-objetais*. Quero ressaltar com isso que o dito por Enrique Leff é que o objeto da ciência não é empírico e nem mesmo exista um sujeito da ciência na forma de uma pessoa, este, o sujeito e também o saber, emerge por meio dos conceitos. Entender as mudanças dos conceitos da ciência e seus significados é construir a própria ciência, pois essa evolução mostra-nos a história das idéias que são construídas pelos paradigmas que sustentam os conceitos.

2. DO ESTADO ORGÂNICO A COMPARTIMENTAÇÃO DO ESPAÇO

A dita geografia tradicional, a primeira estabelecida no estudo do espaço, vem trabalhar com fundamentos de paisagem e região, secundarizando a abordagem

espacial. Um bom exemplo de espaço pode ser ilustrado pela análise desse conceito em Ratzel que o considera base indispensável à vida, valorizando a posse e domínio do espaço. Surge daí dois conceitos chave, que são o território e o espaço necessário à vida, o espaço vital. O território é a posse da área e o espaço o quanto dela é necessário à vida dos que detêm o território. Abaixo um esquema mostra a relação implícita criada por Ratzel e que acabou por justificar a guerra pela posse de território, uma vez que era estrategicamente vital à sociedade dominá-lo.

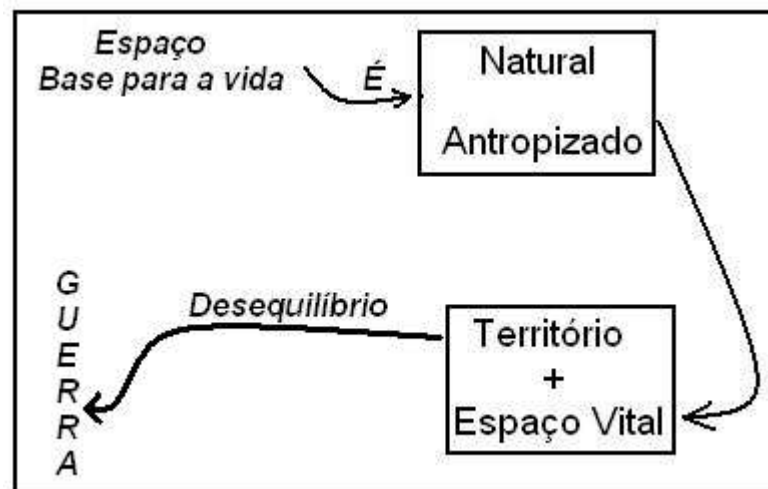


Fig. 1: Esquema da relação do espaço e sua função na obra de Ratzel

Corrêa (1995, p.18) lembra-nos que a relação entre os conceitos de território e espaço vital dão-se pela *apropriação de uma porção do espaço por um determinado grupo...* e as *necessidades territoriais...* desse grupo em função de seu desenvolvimento tecnológico. O Estado tem então a função primeira de manter ou ampliar o território em função do espaço vital dessa sociedade. Advém da teoria ratzeliana a formulação do determinismo geográfico e da fundamentação do Estado como organismo responsável pela perpetuação da sociedade (espécie), isto por haver Ratzel sorvido a teoria darwiniana da evolução das espécies e do que dizia Spencer que a sociedade é um organismo (MOREIRA, 1986, P.30-32). Contribuíram assim, circunstâncias históricas que nesse momento levaram a Alemanha à vitória ante a França e à unificação: a geografia aparece hegemônica no país vitorioso.

A visão positivista mecanicista de Ratzel, em que sociedade e Estado são fruto orgânico do determinismo do meio (op cit, p.33), perderá sua cátedra em meados do século XX, com a primeira guerra mundial, quando a escola francesa, que inicia sua formação tardia após o confronto com a Alemanha, estende seus fundamentos a várias partes do mundo. Esta

não foge à regra e serve à hegemonia do Estado francês sob a égide de La Blache, que fundamenta sua escola amparada na emergente sociologia funcionalista de Durkheim, para quem os processos sociais são partes de um todo que se orientam harmonicamente, portanto, na contramão de Ratzel.

A geografia ganha partes, como a sociedade, que funcionam cada uma com seus fundamentos mas que se somam no sentido de totalidade. As partes da geografia passam então a tratar especificamente de uma fração do espaço, conceito que não se extingue, mas que se reafirma nas partes. Há a divisão da ciência geográfica em áreas, primeiramente a física e a humana, depois em várias outras partes, como um conhecimento compartimentado. As possibilidades pregadas pela geografia da escola francesa deixam-nos a aptidão do domínio inalienável do meio. Não é de se estranhar que a geografia elabore estudos regionais, uma vez que as partes devem ser especificadas em detalhes para poder explicar a totalidade.

3. O ESPAÇO ABSOLUTO CONSIDERANDO A HISTÓRIA PARA ESTUDO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Até a substituição da escola francesa que se dará na década de 1950, um geógrafo virá propor uma conceituação de espaço ainda mais absoluta que as que se efetivaram até então. Hartshorne propôs que o espaço inexistente realmente por tratar-se de um conjunto de pontos independentes. Nele a concepção de geografia é de que esta ciência estuda todos os fenômenos que se organizam no espaço, portanto ele é o *receptáculo que apenas contém as coisas* (CORRÊA, 1995, p.18-19). Ele quis propor o conceito de espaço absoluto, onde uma dada área possui uma combinação única de fenômenos naturais e sociais, sendo, desta forma, absoluto, único. Nele o espaço transcende o real, inexistente por ser em verdade o todo, onde tudo se dá e se processa, uma abstração absoluta, como citado em sua obra de 1939 (apud CORRÊA, p.19) *nenhuma (lei) universal precisa ser considerada senão a lei geral da geografia de que todas as suas áreas são únicas*.

O professor Richard Hartshorne lecionou na universidade de Wisconsin e realizou uma vida de reflexão sobre a geografia e os objetos conceituais de estudo e teve, como poucos, a oportunidade de publicar uma obra reflexiva sobre as proposições dele mesmo. A sua *The Nature of Geography* de 1939 trata longamente da evolução do pensamento geográfico, mas descuida da relevância da escola francesa, abordando sobremaneira a alemã. Em 1959, publica *Perspective on the Nature of Geography*, em que revisa suas posições de vinte anos

antes. Nesse aspecto, concordamos com Fábio de Macedo Soares Guimarães (HARTSHORNE, 1978, p. 14-15), que prefaciou a publicação dessa obra no Brasil, cuja opinião é de que o principal capítulo da obra é a que trata da divisão da geografia em ‘*sistemática e regional*’.

Em suas argumentações, Hartshorne conclama-nos a não considerar a Geografia como dividida *em estudos que analisam elementos individuais através do mundo, e estudos que analisam complexos totais de elementos*. Para ele, *todos os estudos de Geografia analisam as variações espaciais e as conexões de fenômenos em integração*, não existindo, pois, dicotomia ou dualismo. Dessa forma, ele cria critérios de estudos de âmbito elementares com variação espacial mundial, a que denomina ‘estudos tópicos’, e os que analisam a integração em áreas mais restrita, por ele chamados ‘estudos regionais’ (HARTSHORNE, 1978, p.128-129). Essa forma de análise tira da geografia a fragmentação dicotômica e propõe o uso adequado dos estudos tópicos e regionais, segundo a gradação necessária. Contribuiu ainda na formatação de uma geografia não mais dividida entre humana e física, nem em compartimentos fragmentados do saber.

Outro fato relevante nas mudanças no olhar geográfico propostas pelo autor é a aceitação do pesquisar na subjetividade da fragmentação do espaço em segmentos regionais: *Uma divisão realista de regiões, não importa qual seja a definição da palavra região, obriga o pesquisador a tomar decisões subjetivas ao pesar a importância dos diferentes fenômenos*. Salienta que a divisão em regiões não integradas, como ‘climáticas’, ‘agrícolas’, ‘industriais’ são meramente descritivas e arbitrárias, não passando de uma classificação de lugares. Ressalta que devemos usar vários elementos e considerar critérios de homogeneidade e funcionalidade (HARTSHORNE, 1978, p. 139-141).

Mesmo no uso dos critérios citados acima, Hartshorne (1978, p. 136) ressalva que as análises e conclusões não podem ser repetidas, pois a integração dos fatores não se repete *em áreas de diferentes culturas, ou em áreas de diversos climas*. Propõe ainda que a geografia, assim como as outras ciências, deve tratar de fenômenos heterogêneos, focalizando sempre sua categoria particular, assim uma ciência deve estar na outra, para ele *a história, em resumo, deverá, em maior ou menor grau, ser geográfica*. *Inversamente, como vimos, uma vez que o conceito de ‘presente’ – ou de qualquer outro momento do tempo – é uma abstração, todos os trabalhos geográficos deverão ser históricos, em maior ou menor grau* (HARTSHORNE, p.188-189).

A construção da Geografia como não compartimentada, relacionada aos fenômenos que fogem à análise fragmentária do lugar vão impulsionar a construção de novos olhares dessa

ciência já na década da publicação do *Propósitos e Natureza da Geografia*, que contestaram Hartshorne mais por aprofundar questões do espaço como objeto de estudo geográfico do que diminuindo a contribuição crítica tão valiosamente feita pelo autor.

4. A GEOGRAFIA EM MEIO A MEIO SÉCULO DE HISTÓRIA, MUDANÇAS DE RUMO NO PÓS-GUERRA

O conceito de espaço ganhará novos contornos com a ascensão da geografia teórica-quantitativa, que consagrou o raciocínio hipotético-dedutivo e vinculou a geografia ao planejamento necessário a uma sociedade capitalista fordista-keynesiana que impunha ao Estado investimentos enormes em infra-estrutura modernizante e à iniciativa privada a construção de plantas industriais, relações de processos cada vez mais complexas. Na década de 1970, surge com vigor a geografia baseada nos fundamentos do materialismo histórico e na dialética que visou romper com a ‘finalidade’ teórico-quantitativa,. Em sua obra de 1978, *Por uma Geografia Nova*, Milton Santos apresenta o espaço como conceito chave dos debates.

Terá lugar, ainda nessa década, uma geografia que trata do humano, *que está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não particular ou universal... tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real* (CORRÊA,1995, p.30)

Nossa análise mais acurada fica neste intervalo da ciência geográfica até metade do século, com a intenção de sistematizar o conceito de espaço, tão caro à geografia, vinculando-o ao *bloco histórico*; pois como salienta Leff (2001, p. 28) ... *é necessário apreender os processos de constituição e desenvolvimento das diferentes ciências em suas relações com os processos históricos, inclusive enquanto estes transformam os conceitos...*

Vimos, pois, que o espaço, conceito primário da geografia, teve sua conceituação até a década de 50 do século XX, vinculado à efetivação dos Estados por uma relação intransferível de suporte à dominação do espaço entendido como áreas dominadas de um território.

Bibliografia

CORRÊA, Roberto L. **Espaço, um conceito chave da geografia**. In: Castro, Iná et al. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro> Bertrand Brasil, 1995. p-31-47

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e Natureza da Geografia**. Trad. Thomaz N. Neto, 2.ed. São Paulo: Edusp-Hucitec, 1978.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. Trad. Sandra Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2001

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. Série primeiros passos. e.7ª. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6.ed. São Paulo: Edusp, 2004.